

BUENOS AIRES: UMA BREVE ABORDAGEM ACERCA DE SUA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL¹

Buenos Aires: A brief approach about your space organization

Douglas Vitto²

Guilherme Pereira Cocato³

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma prévia abordagem em um resgate histórico da formação da cidade de Buenos Aires-Argentina, e sua região metropolitana, do período conhecido como Belle Époque, para busca da compreensão da atual dinâmica estrutural dessa metrópole em sua dimensão política, cultural e econômica. Abordando alguns pontos que envolvem questões territoriais, regionais, ocupação populacional, segregação/contrastes, entre outros. Lembrando que a abordagem a ser realizada aqui tem um caráter prévio, numa tentativa de compreensão da cidade estudada, considerando que as questões que envolvem uma metrópole são muito mais complexas e dinâmicas, pois englobam uma série de fatores e agentes passados e recentes para explicar a atual configuração. Portanto o desenvolvimento deste trabalho faz ligações entre momentos passados (Belle Époque) e atuais para possíveis compreensões e instigação de dúvidas acerca de algumas questões, como por exemplo, acerca do verídico processo de ocupação/deslocamento populacional nesta metrópole sul-americana; mas ressalta-se que não pretende formar conclusões, mas, sim, considerações.

Palavras-chave: Buenos Aires; Região Metropolitana; Território.

Abstract

The present study aims to conduct a preliminary approach to a historical formation of the city of Buenos Aires, Argentina, and its metropolitan area, the period known as the Belle Époque, the search for understanding of the current structural dynamics of this metropolis in its political dimension, cultural and economic. Addressing some points involving territorial issues, regional, population occupation, segregation/contrasts, among others. Recalling that the approach to be held here has a previous character in an attempt to understand the city studied, considering that the issues surrounding a metropolis are much more complex and dynamic, it encompasses a number of factors and past and recent agents to explain the current configuration. So the development of this work makes connections between past (Belle Époque) and current understandings of possible moments and instigation of questions about some issues, for example, about the true process of occupation/displacement in this South American metropolis; but it is emphasized that no conclusions to be formed, but rather considerations.

Keywords: Buenos Aires; Metropolitan Region; Territory..

¹ Trabalho apresentado à disciplina Teorias de Região e Regionalização

² Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. E-mail: d_vitto@hotmail.com

³ Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina.

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir (nas próximas páginas) tem a expectativa de resgatar algumas questões de cunho regional e territorial da metrópole de Buenos Aires, a exemplo de alguns conflitos (guerras); sua influência sobre as províncias de seu entorno; o princípio de sua organização urbana, e ocupação/distribuição atual de alguns pilares econômicos, sociais e políticos. Considerando a complexidade de uma metrópole e a ausência de uma vivência direta na mesma por parte dos que redigem este artigo, foi realizado breves considerações conceituais sobre determinados caracterizações na parcela do espaço aqui abordada.

DESENVOLVIMENTO

A cidade de Buenos Aires, formalmente conhecida como “Ciudad Autónoma de Buenos Aires” (CABA), é sede do governo federal e uma das vinte e quatro unidades federais (Províncias) da República Argentina, situada na costa ocidental do Rio da Prata. Possui seus próprios poderes executivo, legislativo e judiciário, assim como sua própria força policial (Metropolitana e Federal).

A cidade de Buenos Aires conta com o menor índice de analfabetismo da Argentina, sendo de 0,45% entre os maiores de 10 anos. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Departamento de Estatística e Censos, em 2006, as matrículas escolares por nível é de 96,5% para o nível inicial (até cinco anos), de 98,6% para o nível primário (6-12 anos) e 87,0% para o nível médio (13-18 anos). A cidade recebe muitos alunos também da província de Buenos Aires, em todos os níveis. Exceto no caso das escolas primárias onde a rede pública é maior, a rede privada predomina entre os níveis educativos na Argentina.

Segundo dados do Ministerio de Salud de La Nación, Secretaria de Políticas, Regulación e Institutos Dirección de Estadísticas e Información de Salud, do ano de 2008, o sistema público de saúde oferece cobertura para 21,9% da população da cidade, com base em pesquisa realizada pelo governo. É um total de 34 hospitais públicos, sendo que 55,6% das consultas são para moradores da cidade, enquanto o restante são moradores de outras províncias, principalmente a província de Buenos Aires.

Seus habitantes têm um alto acesso aos serviços públicos: 99,9% têm água da torneira, 99,3% com coleta de lixo, 92,8% têm rede de gás, 99,6% com rede de energia elétrica e 89,7% dos domicílios têm telefone. Os números caem para a população que vive em “villas” e assentamentos, apesar de todos os seus habitantes receberam água de torneira, 99,5% possuem energia elétrica, 93,1% da iluminação pública, 87,8 % coleta de lixo, mas apenas 1,3% de gás.

Através de algumas buscas, podem-se encontrar rapidamente alguns problemas que assolam a estrutura urbana. Na cidade, existem somente 1,9 metros quadrados de área verde por habitante (distribuídos de modo desigual), enquanto recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é de 10 metros quadrados por habitante.

A cidade se limita com um curso d'água altamente poluído, o Riachuelo, local de indústrias químicas e considerado um dos mais contaminados do mundo, assim como o Rio da Prata também se encontra contaminado com despejos de esgoto a 2,5km da costa. Segundo o relatório disponibilizado pelo Instituto Blacksmith e Cruz Verde da Suíça (2013) relata que na bacia Matanza-Riachuelo “15 mil indústrias liberam efluentes no rio e fabricantes de produtos químicos são responsáveis por mais de um terço da população”.

Semelhante às favelas brasileiras, existem as chamadas “villas misérias”, que são assentamentos informais, locais de moradia com baixíssima qualidade de infraestrutura, precárias, sem saneamento básico (contaminação dos abastecimentos de água, Rio da Prata), transportes e acesso à saúde e educação, por exemplo. Existentes desde o século XIX foram impulsionadas pelo êxodo rural e imigração europeia, sendo estes atraídos pela opção de empregos da área metropolitana, mas sem condições econômicas no arranjo de moradias, teve seu crescimento reforçado durante as crises de 1930 e 2001, causando um aumento na desigualdade de distribuição de renda também pela incapacidade das autoridades responsáveis em tratar do assunto. Quanto a isso, é apontado por Urraco que,

Historicamente, a palavra “villa” foi associada a bela paisagem ou comunidades urbanas e residências elegantes de ricos proprietários. No entanto, a maneira é cruel e irônica, pois, os primeiros assentamentos como Rosario eram precários ou de emergência, que estabelecidos no final dos anos 40, foram chamados de favelas. Ao longo dos anos, eles foram chamados simplesmente de moradias, como se para remover a palavra miséria, eles receberam um assentamentos urbanos maiores, como categoria. (URRACO 2010).

A situação atual não é clara, sendo que algumas fontes dizem que as “villas” estão em processo de urbanização, enquanto outras afirmam que seu aumento ainda é uma realidade. De acordo com trabalho publicado, existiam perto de 800 “villas” ou assentamentos informais na Gran Buenos Aires até 2006. Quando esta ambiguidade sobre os dados oficiais e não oficiais em torno das “villas”, para Cravino é fundamental destacar que,

Alguns dados são alarmantes, ‘sensacionalista’ fantasiosa; outros tentam perto, mas não há fontes confiáveis; os outros são o produto da intuição funcionários, etc. Ou seja, é evidente que ninguém pode dizer com certeza o que o número de “villas” ou povoações encontradas na região, ou até menos, como população está

envolvida em formas de posse da habitação em condições precárias. Uma maneira de abordar estas questões é através de dados do censo, e acabar no entanto, como veremos, inconsistências e sub registros são evidentes, em parte causada pela falta de dados de entrada para alguns municípios. (CRAVINO, S/A).

HISTÓRICO

A cidade de Buenos Aires foi assim chamada em honra de Nossa Senhora de Buenos Aires, dedicada à Virgem Maria originalmente de Cagliari, na Sardenha, sob o jugo da coroa espanhola, e cuja adoração como um protetor dos marinheiros foi generalizada no Mar Mediterrâneo.

Embora no início ela tenha sido nomeada Cidade de Trinidad, Puerto de Santa María de los Buenos Aires, foi gradualmente impondo este último nome, desaparecendo o Trinidad concedido por Juan de Garay. Sua primeira fundação foi feita por Pedro de Mendoza em 2 de fevereiro de 1536, mas esta primeira tentativa de estabelecer um forte em Buenos Aires foi abandonado cinco anos mais tarde, principalmente devido a conflitos com os nativos. Quanto ao processo de fundação,

A cidade de Buenos Aires teve, na verdade, duas datas de fundação. A primeira aconteceu em 1536, com o nome de Puerto de Nuestra Señora Santa María del Buen Aire, e foi realizada pelo espanhol Pedro de Mendoza, pelo enviado do rei Carlos I da Espanha. A segunda fundação ocorreu em 1583, por Juan de Garay, com uma expedição procedente do Paraguai, também por ordens do mesmo rei. (LENZ, 2012, p. 7)

Em 1580 Juan de Garay estabeleceu um assentamento permanente, que cresceu lentamente até 1776, quando foi designada capital do Vice-Reino recém-criada do Rio de La Plata. Depois disso, a prosperidade e o crescimento da população foram aumentando.

Desde a sua criação até 1807 a cidade sofreu várias invasões. Em 1587, o inglês Thomas Cavendish tentou tomar a cidade sem sucesso. Em 1658, uma tentativa ordenada por Luís XIV, rei da França, foi rechaçada por Don Pedro de Baigorri Ruiz, o governador de Buenos Aires. Em 1699, uma invasão ocorre por um bando de piratas dinamarqueses, que foram rapidamente expulsos. Durante o governo de Bruno Mauricio de Zabala, o francês Etienne Moreau desembarcou na costa leste do Rio de La Plata, onde as tropas espanholas o derrotaram e mataram.

Em 1806, a Grã-Bretanha estava interessada na riqueza da região e a Espanha estava aliada com a França, inimiga desse império. Em 27 de junho, o maior general britânico William Carr Beresford assumiu Buenos Aires, quase sem resistência, porque não havia um exército forte e organizado. Assumiu o governo, mas foi derrotado em 12 de agosto de 1806

por um exército vindo de Montevideu liderado pelo francês Santiago de Liniers. Em 1807, uma segunda expedição britânica sob John Whitelocke tomou a fortaleza de Montevideu e permaneceu nesse entrave por vários meses. Em 5 de Julho de 1807, Whitelocke tentou ocupar Buenos Aires, mas os seus habitantes e as milícias urbanas, organizadas e agora novamente com o auxílio de Liniers, derrotaram os ingleses. A resistência do povo e a sua participação ativa na defesa e reconquista aumentou o poder e a popularidade dos líderes criollos, enquanto aumenta a influência e o fervor dos grupos libertários. Buenos Aires ganhou força militar (composta principalmente por criollos) e prestígio moral. Da mesma forma, o fracasso foi evidente por parte da metrópole em enviar tropas para defender suas colônias, agora avidamente desejadas por outros poderes emergentes. Tudo isso, mais a chegada de ideias liberais, e principalmente a ocupação da Espanha pelo exército de Napoleão, permitiu a criação de movimentos emancipatórios que eclodiram na Revolução de Maio de 1810 e no estabelecimento do primeiro governo nacional.

Após esse episódio, a cidade de cerca de 40.000 habitantes se transformou em um importante porto consumidor de produtos manufaturados principalmente da Grã-Bretanha, com o desmembramento do Vice-reinado do Rio da Prata. Buenos Aires se constituiu inicialmente um centro hegemônico, que acabou por impor-se frente às oligarquias provinciais, que tinham seus próprios projetos econômicos.

Em 1816, quando abriu a porta para o livre comércio, foi tomado novo impulso, mas o grande período de expansão da cidade com base no dinamismo das exportações de peles, lã, grãos e carne, começou na década de 1860. Lembrando que a Argentina possui como “delimitações” físicas naturais no centro-leste a Planície dos Pampas (solo fértil, responsável por 85% das exportações agrícolas do país) e o Rio de La Plata que abrange em sua maioria a costa nordeste e leste de Buenos Aires. Imigrantes europeus, principalmente da Espanha e Itália, ajudaram a formar uma nova Buenos Aires, modificando sua população. O capital estrangeiro, especialmente britânico, trouxe ferrovias, instalações portuárias, bondes e iluminação a gás.

Em 2 de setembro de 1852, Urquiza, na qualidade de Diretor Interino da Confederação e Governador Provisório da Província de Buenos Aires emitiu o decreto que estabelece o sistema municipal para a cidade de Buenos Aires e em 03 abril de 1856 foi realizado a inauguração do Município. Desde a independência, Buenos Aires tem se empenhado em uma luta para dominar outras regiões da Argentina. Este conflito foi ainda resolvido pela Lei 1.029 de 20 de Setembro de 1880, quando a cidade foi separada da

província de Buenos Aires e se estabeleceu como Capital Federal, a residência das autoridades nacionais.

A imigração para Buenos Aires, a partir do interior do país se complementou e em grande parte substituiu o fluxo de imigrantes europeus. No âmbito da reforma da Constituição de 1994, a cidade de Buenos Aires se tornou uma Cidade Autônoma, uma província que integra as unidades federais da Argentina. A Convenção Constitucional da Cidade de Buenos Aires aprovou a Constituição da Cidade Autônoma de Buenos Aires em 10 de outubro de 1996, conferindo o estatuto jurídico que rege hoje.

DEMOGRAFIA

Os resultados do Censo 2010 demonstram a população da cidade em 2.890.151 habitantes (aumento de 114.013 desde 2001, equivalente a 4,1%) sobre uma superfície de aproximadamente 200 km². Somando-se os 9.916.715 habitantes dos 24 municípios que se encontram na Província de Buenos Aires (separada da cidade) e fazem parte da região metropolitana denominada de Gran Buenos Aires, totalizam-se 12.806.866 habitantes. É a maior área urbana do país, sendo a segunda maior da América do Sul, atrás de São Paulo.

Há pelo menos 60 anos a população da cidade de Buenos Aires está em aproximadamente 2,9 milhões, com leves variações entre os censos. Sua densidade demográfica também é importante, atingindo os 14.307,68 hab/km². Valendo, a exemplo destas informações, Vázquez-Rial relata:

O censo de 1869, mostra que é fácil seguir a evolução do total do país e da cidade capital, do Estado. A cidade de Buenos Aires propriamente dita ocupava 162 km². O continuo urbano que se conceitue a Grande Buenos Aires estendia-se sobre umas 10 vezes desta superfície. Tendo em conta que o total da Província de Buenos Aires era de 307. 571 km, mostrava que a soma de ambas não alcançava 0,7% da superfície da Província, nem 0,007% da nacional. Nelas se concentra, sem dúvida, 46% da população total do país (VÁZQUEZ-RIAL, 1996).

Viabilizando assim, algumas reflexões acerca da concentração populacional argentina já existentes em momentos passados em Buenos Aires.

A partir do início do século XXI, devido ao envelhecimento da população (queda na taxa de fecundidade, 1,94 filhos por mulher em 2008) e crises econômicas, houve um aumento da migração de outras províncias ou mesmo estrangeira. O crescimento populacional tem sido de aproximadamente 0,46%.

GRAN BUENOS AIRES

Gran Buenos Aires (GBA) é o termo utilizado para se referir à conurbação da Cidade Autônoma de Buenos Aires sobre outros municípios da província de Buenos Aires, sem constituir uma mesma unidade administrativa. Esta expansão se dá em todas as direções, menos a Leste pela limitação do Rio da Prata.

Existem variadas definições para essa zona metropolitana, entre elas Gran Buenos Aires, Aglomerado Gran Buenos Aires (AGBA), Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA), Zona e Região Metropolitana de Buenos Aires (ZMBA e RMBA, respectivamente). Cada nomenclatura seguindo um critério diferente e nem sempre de forma clara.

Utilizaremos as definições esclarecidas pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos (INDEC, 2003), que utiliza a denominação de Gran Buenos Aires para a cidade de Buenos Aires mais os 24 municípios da província de Buenos Aires. Já o Aglomerado Gran Buenos Aires é formado pela cidade de Buenos Aires e outros 30 municípios, que integram total ou parcialmente a conurbação urbana.

Os municípios que integram totalmente GBA e AGBA: Lomas de Zamora, Quilmes, Lanús, General San Martín, Tres de Febrero, Avellaneda, Morón, San Isidro, Malvinas Argentinas, Vicente López, San Miguel, José C. Paz, Hurlingham e Ituzaingó.

Os municípios que integram parcialmente o AGBA e são parte da GBA: La Matanza, Almirante Brown, Merlo, Moreno, Florencio Varela, Tigre, Berazategui, Esteban Echeverría, San Fernando e Ezeiza; municípios que integram o AGBA, mas não fazem parte da GBA: Pilar, Escobar, General Rodríguez, Presidente Perón, San Vicente e Marcos Paz. E ainda dois municípios que integram muito parcialmente o AGBA e não fazem parte da GBA: Cañuelas e La Plata.

Dados mais recentes, referentes ao início de 2014, demonstram uma população de aproximadamente 13.370.000 habitantes na Gran Buenos Aires.

Figura 1 - Grande Buenos Aires – Conceito Tradicional



Fonte: INDEC, 2003.

Figura 2 - Aglomerado da Grande Buenos Aires



Fonte: INDEC, 2003.

BELLE ÉPOQUE

Entre algumas contribuições e influências para formar a identidade da cidade de Buenos Aires, pode-se destacar o período da Belle Époque Argentina (1870-1920).

O período conhecido como Belle Époque, é marcado por grandes transformações no processo de formação da cidade de Buenos Aires, pois a Argentina estava incorporando-se a economia mundial (deixando de ser uma economia fechada para comercializar principalmente com a Espanha, utilizando o porto de Buenos Aires/Rio de La Plata entre o final do século XVIII e 1870), e tal processo tinha reflexo nas escalas locais, observável na cidade em questão, com uma economia estável realizando a utilização de solos férteis para cultivo de carnes e cereais que eram exportados para Europa. Neste processo de exportação, o escoamento interno da produção dos itens mencionados foram viabilizados pela construção de ferrovias com investimentos de capital inglês e mão de obra dos imigrantes que chegavam na cidade através de uma ampla política governamental de colonização (Campanha do Deserto) entre 1860 e 1880, já que havia ocorrido a abolição da escravidão.

Portanto, já se pode verificar que é neste contexto da formação inicial da economia argentina (considerando o período da Belle Époque), que começam a serem norteados os caminhos da formação de Buenos Aires e sua ocupação populacional. Pois,

O entrelaçamento destes fatores diferenciados criou um país rico com características multifacetadas, tais como espaço, deserto, rede ferroviária e grandes contingentes de estrangeiros que, no seu conjunto, marcaram o período de intenso crescimento e a identidade da nação argentina, dando as condições para que a cidade de Buenos Aires se transformasse na cidade mais moderna e europeia da América do Sul” (LENZ, 2012, p. 6).

ESTRUTURA URBANA E SUAS INFLUÊNCIAS

No período anterior a 1850 a cidade apresentou crescimento (principalmente econômico) imperceptível. E a partir de 1850 (principalmente entre 1850 e 1880), houve projetos políticos de investimentos em edifícios, saúde, educação, saneamento, infraestrutura, salubridade, entre outros, com renda obtida das atividades portuárias, visando remodelar a cidade de Buenos Aires (seguindo paradigmas da modernidade urbana parisiense) para torná-la capital federal em 1880, e uma grande metrópole latino-americana.

Pois até metade do século XIX havia apenas edificações chatas de planta única e cúpulas de igrejas e governos municipais (marcas da tradição espanhola). Mas na década de 1880 este padrão começa a ser remodelado; sobe este episódio,

Em 1880 Julio Argentino Roca assumiu como presidente da Nação argentina e Buenos Aires foi declarada capital federal do país e sede de suas máximas autoridades. Assim, nos anos oitenta a cidade de Buenos Aires, definiu sua posição nacional ao ser federalizada, reforçando o seu caráter de centro econômico ao consolidar-se como cabeceira de linhas férreas e porto principal da Argentina. A cidade de Buenos Aires não era só era a capital política do país, mas também a financeira e a econômica, e durante muito tempo o seu único grande foco cultural (LENZ, 2012, p. 12).

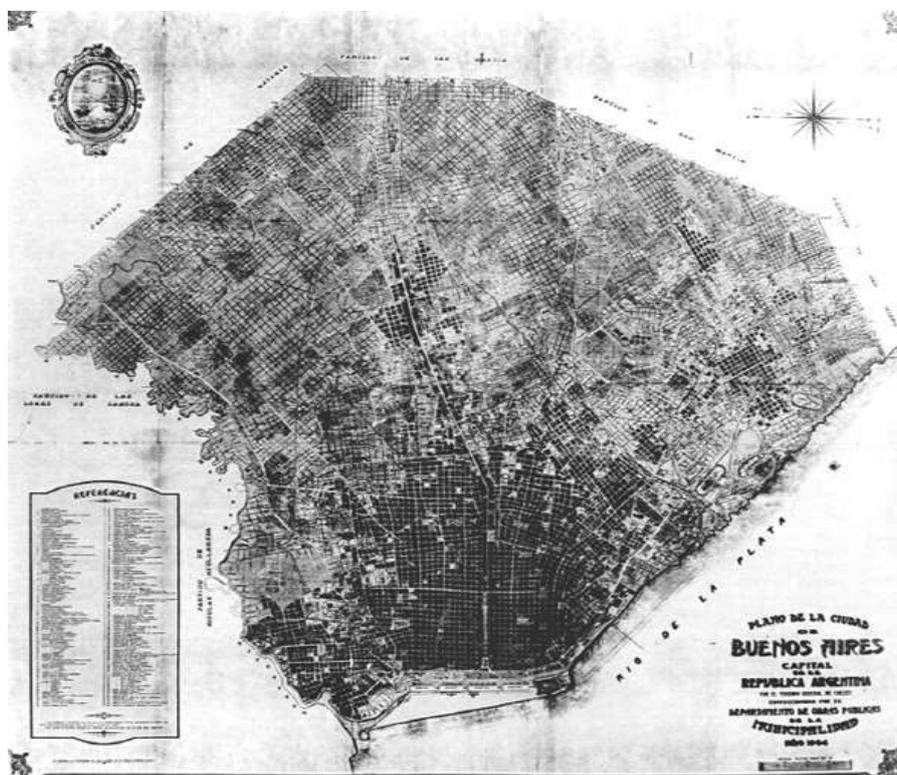
Lembrando que neste processo de mudanças/remodelação, foram priorizadas a saúde pública, a estética urbana, a arquitetura, mas tornando a falta de espaços verdes um problema; começando a remodelação pelos edifícios que cercavam a praça central. Também é importante mencionar a Lei de abertura da Avenida de Mayo criada em 1884, mas com inauguração no ano de 1894, que continha/contém aproximadamente 30 metros de largura, cortando em dois o coração da cidade em linha reta, causando a demolição de alguns estabelecimentos como o Recova Vieja e a desapropriação de alguns moradores, além de levar alguns estudiosos a se questionarem se já naquela época havia uma perspectiva/previsão do crescimento populacional local devido a extensão/largura/comprimento da avenida; esta construção é a prova de que a arquitetura de Buenos Aires da época seguia um padrão europeu/parisiense (seguindo o exemplo da Avenida Ópera Paris, mas com linhas no sentido diagonal). Quanto a Avenida de Mayo, Lenz (2012, p. 14) aponta que “A legislação da Avenida foi o primeiro antecedente de uma amplificação urbana e que somente em 1887 foi sancionado o Regulamento General de Contrucciones para toda a capital”.

Neste processo de formação inicial, verificam-se alguns elementos fundamentais que marcam também a estrutura urbana de Buenos Aires em sua organização, com influências espanholas (metrópole da época), mas principalmente francesas (parisiense), contendo o formato de tabuleiro de xadrez (quadrado), com 15 quadras e uma espaçosa igreja na região central, cercada de quadras do mesmo tamanho em largura e variação no comprimento, formato ortogonal. Isto leva a reflexões sobre a influência cultural entre parcelas do espaço naquela época (que até hoje atrai milhares de turistas para a capital argentina, em busca do legado cultural, inclusive na arquitetura), em um processo de ação do global na escala local, e da escala local para o global, como aborda Haesbaert (1999, p. 25) que “processos globais implantam-se no local, adaptando-se a ele, ao mesmo tempo em que o local pode globalizar-se na medida que expande pelo mundo determinadas características locais”.

Alguns pesquisadores, como Gorelik, apontam que em 1904 já estavam traçadas as ruas, avenidas e parques de Buenos Aires, em que segundo Medrano (1996, p.6) foi “denotando por parte de alguns órgãos públicos não só a preocupação com o projeto da

cidade, como também capacidade de controle”. Para tal configuração/formato em questão alguns pesquisadores como Morse (1999) apontam “três hipóteses sobre a escolha deste padrão e desenho para o desenvolvimento da América Latina” e conseqüentemente de Buenos Aires, pois: a primeira é que esta organização era a mais fácil considerando o relevo da cidade em sua maioria plano; a segunda está relacionada a uma projeção do ideário espanhol de cidade ideal; e a terceira aborda uma possível estratégia imperial de organização sistêmica que facilitaria o controle e administração da cidade e sua população. Sendo importante destacar uma peculiaridade de tal estrutura, pois havia/há um alinhamento frontal das construções/edifícios, e seu acesso às ruas ocorre por intermédio dos corredores internos dos edifícios.

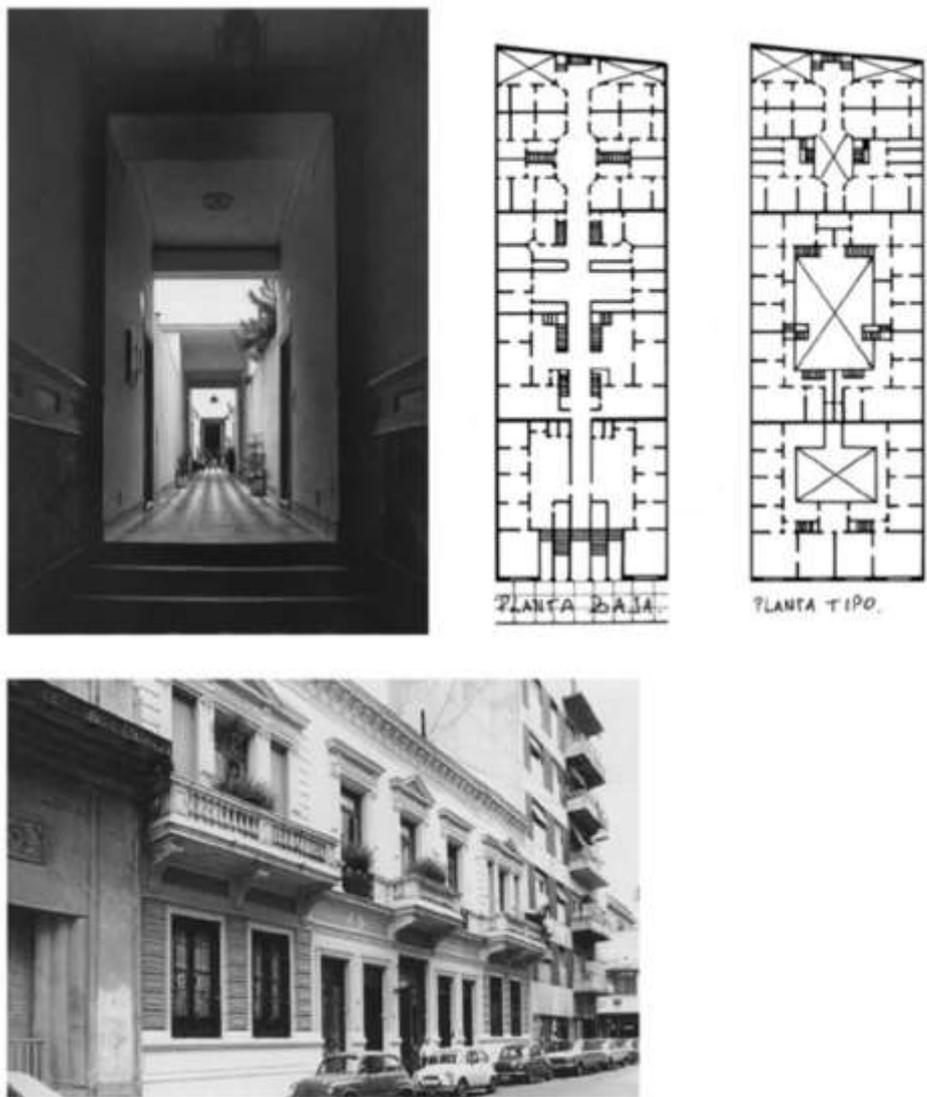
Figura 3 - Traçados das ruas pré-definidas de Buenos Aires em 1904



Fonte: GORELIK, Adrián. La Grilla y el parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936. Quilmes, Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

Neste plano de Buenos Aires, de 1904, podemos observar que o traçado das ruas já está todo pré-definido, mesmo que a área efetivamente ocupada (parte mais escura) seja ainda bem menor que os limites fixados para a capital.

Figura 4 - Moradias coletivas e sua estrutura como influencia europeia



Fontes: ASLAN, Liliana et alli. *Buenos Aires. Monserrat 1580-1970*. Buenos Aires, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires, 1992. PETRINA, Alberto (org.). *Buenos Aires. Ocho recorridos por la ciudad*. Buenos Aires, Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires; Sevilla, Concejería de Obras Públicas y Transportes, 1994.

Moradia coletiva, situada na Rua México N° 470/72/74/76/78, construída em 1898. Exemplo de um conjunto de várias residências, com acesso através de um corredor central. Na fachada observamos uma porta central e mais quatro laterais, que dão acesso às residências situadas no alinhamento do passeio.

Ressaltando a questão do plano ortogonal de organização da cidade, São Paulo possui um plano formal, mas recentemente alguns empreendimentos vêm se dedicando ao formato ortogonal, cidade-jardins para atender aqueles que possuem maior renda aquisitiva.

Outro indício da influência arquitetônica parisiense em Buenos Aires é a construção do Jardim Botânico Paseo Palermo, e do teatro Cólón inaugurado em 1908. As

principais obras mencionadas acima estão localizadas na porção norte da cidade, caracterizando Buenos Aires em duas esferas, a “cidade moderna” ao norte e a povoada por trabalhadores imigrantes ao sul, mas é claro que esta configuração, agora no século XXI encontra-se mais dinamizada no contexto da era da globalização, mas mesmo assim, permanece concentradora, devido a atual localização na porção norte de elementos culturais econômicos da cidade, como a Rua Flórida (concentrando atividades comerciais), o bairro Recoleta, o Pátio Bullrich Hotel Alvear, o Malba, Jardim Botânico, Zoológico e Museu Nacional de Belas Artes, Avenida Córdoba, Universidade de Palermo, entre outros. Tais localizações e distribuições espaciais “hierárquicas” remetem a Lenz (2012, p. 16) ao mencionar que “foi iniciado um febril trabalho para a hierarquização dos espaços urbanos, com sentido paisagístico, estético e higiênico”, envolvendo a cidade em questão.

Mas esta “segregação” dentro da região/cidade estudada pode ser notada através da maior representação simbólica esportiva do país, o futebol, tendo como times clássicos o Boca Juniors, time das classes mais populares (menor renda) e seu estádio La Bombonera, localizado na região sul; e o time do River Plate, cuja maior representatividade de seus fãs pertencem as classes médias e acima da média, tendo seu estádio Monumental de Núñez localizado na região norte de Buenos Aires. Tais acontecimentos remetem à possíveis considerações da estreita relação que ocorre atualmente na cidade entre habitação/localização (da população de classe média e acima da média/rica), comércio e serviços.

É notória a materialização espaço temporal de um símbolo que remete a reflexões políticas, econômicas e culturais, como por exemplo, o Palácio de Águas Corrientes, que hoje abriga documentos/museu da história da água e história sanitária da cidade. Sendo que os problemas financeiros especificamente do edifício de águas sanitárias marcam mesmo que de forma não significativa a decadência do crescimento econômico do período Belle Époque. Além de ser um meio simbólico cultural que remete a questões econômicas e a importância da preservação do mesmo durante este processo de remodelação de alguns pontos urbanos da cidade. Tendo em vista que o dado apresentado lembram Tuan (1982) ao enfatizar que “a região pode ser transformada em lugar, através de um meio simbólico da arte, da educação ou da política”. Assim a qualidade dos objetos físicos (Palácio de Águas Corrientes) que também representam o espaço tempo, atribui o sentido de identidade/memória/cultura a determinados locais/lugares.

A distribuição populacional atual da metrópole de Buenos Aires tem raízes passadas, que podem estar relacionada tanto com as epidemias de febre amarela, quanto à

segregação urbana atribuída a disputa entre classes (ricos e pobres) para ocupação de parcelas territoriais, locais produzidos, com base na lei do mercado de terras, e nas desigualdades políticas, econômicas e ideológicas.

A região metropolitana de Buenos Aires é um grande exemplo desta segregação, concentrando 50% da população de maior renda aquisitiva ao norte (com presença de indivíduos de baixa renda), e a de menor renda aquisitiva ao sul (com presença de indivíduos de maior renda aquisitiva). Já a classe média está distribuída em leques pela cidade em torno da parte central.

Em Buenos Aires há um corte entre o centro (histórico e não geográfico) e os bairros, pois o centro é a zona da cidade com perímetro de 20 quadras de largura contendo os principais edifícios públicos (a casa do Governo e Ministérios), escritórios de grandes empresas, bancos, instituições culturais (como teatros e cinema, entre outros).

Apesar de não ser muito aceita, alguns estudiosos apontam a teoria de que em tempos anteriores a população de maior renda aquisitiva da cidade estava concentrada na parte sul da cidade (local das antigas casas coloniais/ ao sul da Avenida de Mayo), mas deslocou-se para o norte devido aos surtos de Febre Amarela (em 1871), sendo ocupado a parte sul da cidade pelos imigrantes, o proletário urbano. Para entender mudanças como essa, o processo de regionalização é primordial, pois

... em primeiro lugar, admitimos que regionalização é um processo amplo, instrumento de análise para o geógrafo em sua busca dos recortes mais coerentes que deem conta das diferenciações no espaço. Por outro lado, região, como conceito, envolve um rigor teórico que restringe seu significado, mas aprofunda seu poder explicativo; para defini-la devemos considerar problemáticas como a das escalas e fenômenos sociais mais específicos (como os regionalismos políticos e as identidades regionais) entre aqueles que produzem a diversidade geográfica do mundo (HAESBAERT, 1999, p. 17).

A questão da distribuição/concentração populacional em Buenos Aires é complexa, pois a região também conta com um sítio natural (que envolve clima/microclima, topografia, entre outros) considerado em sua maioria uniforme e liso, não havendo grande diversidade para tal atrativo como ocorre no Brasil (onde a cidade do Rio de Janeiro é um exemplo da disputa entre classes para se apropriar das estruturas, sítios naturais exuberantes presentes na cidade, assentas no poder aquisitivo). Diante de tais espacialidades, a população residente ao norte da região metropolitana e ao sul do Rio de La Plata, está “estável” em termos de expansão pelo território, mas ainda não há documentos que expliquem de maneira concreta esta “estabilidade”, se isto é uma escolha ou uma condição física estrutural, uma vez que os mesmos já possuem suas atividades econômicas (emprego, compra, serviços,

entre outros) concentradas na região central, cabendo ao estado, neste contexto, administrar a rede de transportes viabilizando o acesso ao centro econômico da região metropolitana.

Mas quanto às configurações da distribuição territorial apresentadas aqui, ligadas a localização de elementos simbólicos culturais da cidade e seu ordenamento físico natural, surge a possibilidade de correlacionar estes a parte da abordagem de Milton Santos (1987, p. 81) por apresentar um cunho a questão de riqueza, acessibilidade e valor do indivíduo, pois,

[...] cada homem vale pelo lugar onde está; o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço) independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário, têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está.

Para melhor contextualização, segue neste momento o destaque de algumas exceções nesta distribuição espacial pautada pela renda, pois apesar de praticamente todo relevo de Buenos Aires ser plano, existem alguns pontos específicos com relevo um pouco elevado (mesmo que de forma inexpressiva do ponto de vista geomorfológico), mas que é o suficiente para manifestação da disputa entre classes (retratado acima) de maior e menor renda, pois os pontos específicos de pouca elevação alocam os bairros de Flores, na porção sul, mas sendo ocupado por pessoas de maior renda aquisitiva e o bairro de Bolgrano na porção norte, onde os residentes desfrutam do ar fresco e da visão portenha através de suas instalações em chácaras. Como aborda Moreira (2007, p.56), “A rede global é a forma nova do espaço. E a fluidez – indicativa do efeito das reestruturações sobre as fronteiras – a sua principal característica”.

INFRAESTRUTURA ATUAL: CORREDOR SÃO PAULO-BUENOS AIRES

Em termos de infraestrutura atual, há o Corredor São Paulo – Buenos Aires, que tem como condição básica de sua composição a estrutura ferroviária do Cone Sul (MERCOSUL), que nesta especificidade envolve três países: o Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, parte de Minas Gerais e Rio de Janeiro); Argentina (província de Corrientes, Entre Ríos, Buenos Aires e parte de Córdoba e Santa Fé); e o Uruguai, que tem presença pouco significativa. Tendo em vista a tentativa de relacionar algumas influencia entre ambas

idades e afins acerca deste Corredor, é importante ressaltar também que para Matins (2001, p. 28) “A área de influência da ligação São Paulo – Buenos Aires corresponde a um conjunto de corredores que podem ser analisados separadamente em seus aspectos locais”.

Envolvendo ao longo de seu trajeto/extensão pólos como Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre e Montevideú. O Corredor São Paulo – Buenos Aires tem dois pólos principais, estando o primeiro localizado em São Paulo, que é um centro industrial e comercial brasileiro (exportando para Buenos Aires produtos como petróleo, trigo, derivados de leite e alguns veículos completos); e o segundo pólo localizado em Buenos Aires, como centro comercial e industrial argentino (exportando para São Paulo produtos como peças de automóveis, caminhões e veículos completos). Lembrando Moreira (2007, p. 59) o processo de quando “as cidades se convertem em nós de uma trama. Diante de um espaço transformado numa grande rede de nodosidade, a cidade vira um ponto fundamental da tarefa do espaço de integrar lugares cada vez mais articulados em rede”.

Com relação ao centro comercial e industrial da Argentina (Buenos Aires), é importante destacar que o governo argentino vem procurando maneiras para estimular a interiorização da população pelo país, já que a mesma encontra-se concentrada na província de Buenos Aires devido aos investimentos industriais na presente localidade. Vale destacar a presença de estradas falhas (péssimas condições físico-estruturais) próximas da fronteira entre os três países que envolvem o corredor (Argentina, Brasil e Uruguai), devido a uma política estratégica de defesa territorial. Remetendo à Brunhes (1992) sobre a alternância de cheios e vazios e vazios existentes no espaço geográfico, em que, para ele “cheios e vazios trocam de posições entre si no andar do tempo, de modo que o que hoje é vazio, amanhã é cheio, e o que hoje é cheio, amanhã é vazio”.

Diante do projeto abordado acima, cabe realizar algumas reflexões sobre questões territoriais e até regionais em tempos de globalização, que para alguns se pode chamar de nova “regionalização” a partir da perspectiva de uniões comerciais nas articulações da economia capitalista através da dimensão natural, antrópica, econômica e política; num espaço fluido, onde regiões e territórios se interligam através dos fluxos de pessoas, mercadorias, bens e capitais viabilizados/intermédio dos avanços dos meios de transporte e comunicação. O que remete a abordagem de Haesbaert (1999, p.31) sobre a necessidade de regionalizar, ao mesmo tempo distinguindo e integrando estas múltiplas dimensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As recentes análises regionalizantes, de regiões globais, territórios que se destacam pela sua enorme influência econômica, política ou sociocultural, como a que tentamos estabelecer neste trabalho sobre uma importante metrópole internacional, são de extrema relevância para a renovação do conhecimento geográfico nos tempos atuais.

“A regionalização pode nos dar uma imagem diferente dos processos econômicos e sociais, porque ao regionalizar, está-se distribuindo, agregando, espacializando os fenômenos naturais, econômicos, sociais, culturais e uma escolha pode, muitas vezes, camuflar outras possibilidades” (ARRAIS, 2004).

É de nosso dever então, trilhar por este caminho, para que consigamos cada vez mais nos atualizar e tentar compreender o mundo em que vivemos, de constantes e rápidas mudanças, mas que causa impactos de múltiplas dimensões. Como parte deste processo de entendimento, o ensaio abordado aqui sobre a região Metropolitana de Buenos Aires espera por esclarecer, instigar dúvidas/questionamento e algumas considerações acerca da atual organização daquele espaço (Buenos Aires), através do seu processo social e histórico de formação, abordando o máximo de características e individualidades possível, para que essa compreensão se dê de forma mais completa e abrangente. Mas ao mesmo tempo ressaltando alguns aspectos limitadores em seu estudo, devido a complexidade da temática aqui tratada.

Frente aos desafios do processo de globalização eminentemente econômico, é nosso dever como profissionais da ciência geográfica procurar entender qual amplo este fenômeno é, quais regiões atinge e em que dimensões age, servindo como objeto de estudo os mais variados territórios que compõe o todo do espaço global.

Não pensamos que a região haja desaparecido. O que esmaeceu foi a nossa capacidade de reinterpretar e de reconhecer o espaço em suas divisões e recortes atuais, desafiando-nos a exercer plenamente aquela tarefa permanente dos intelectuais, isto é, a atualização dos conceitos (SANTOS, 1994, p. 102).

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2004.

CEDOM. **Ciudad de Buenos Aires**. Disponível em:
<<http://www.cedom.gov.ar/es/ciudad/barrrios/ciudad/ciudad.html>>

CRAVINO, Maria Cristina; DEL RÍO, Juan Pablo; DUARTE, Juan Ignacio. **Magnitud y crecimiento de las villas y asentamientos en el Área Metropolitana de Buenos Aires en los últimos 25 años**. Disponível em:
<http://www.fadu.uba.ar/mail/difusion_extension/090206_pon.pdf>

DEARO, Guilherme. **As cidades com mais qualidade de vida no mundo**. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/as-cidades-com-mais-qualidade-de-vida-no-mundo#5>>

DEIS. **Estadísticas Vitales** - Información Básica Año 2008. Diciembre de 2009. Ministerio de Salud de La Nación, Secretaría De Políticas, Regulación e Institutos, Dirección de Estadísticas e Información de Salud. Disponível em: <<http://www.deis.gov.ar/Publicaciones/Archivos/Serie5Nro52.pdf>>

DEMOGRAPHIA. **Demographia World Urban Areas** (Built-Up Urban Areas or World Agglomerations). 10th annual edition, revised at may 2014. Disponível em: <<http://www.demographia.com/db-worldua.pdf>>

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.

INDEC. **¿Qué es el Gran Buenos Aires?** Buenos Aires, agosto 2003. Disponível em: <<http://www.indec.gov.ar/nuevaweb/cuadros/4/folleto%20gba.pdf>>

INDEC. **Censo 2010. Resultados provisionales: cuadros y gráficos**. INDEC. Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.indec.gov.ar/preliminares/cuadro_totalpais.asp>

INDEC. **Cuadro P1-P. Ciudad Autónoma de Buenos Aires**. Población total y variación intercensal absoluta y relativa por comuna. Años 2001-2010. INDEC. Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2001 y 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.indec.gov.ar/CuadrosDefinitivos/P1-P_Caba.pdf>

INDEC. **Cuadro P2-P. Provincia de Buenos Aires, 24 partidos del Gran Buenos Aires**. Población total por sexo e índice de masculinidad, según edad en años simples y grupos quinquenales de edad. Año 2010. INDEC. Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.indec.gov.ar/CuadrosDefinitivos/P2P_Buenos_Aires_24.pdf>

LANACION. **La cuenca Matanza-Riachuelo, entre los 10 lugares más contaminados del mundo. 2013**. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1635635-la-cuenca-matanza-riachuelo-entre-los-10-lugares-mas-contaminados-del-mundo>>

LENZ, Maria Heloisa. A Buenos Aires do final do século XIX: A metrópole da *Belle Époque Argentina*. Vol. 9, Ano IX, nº1.

MARTINS, Ricardo Cesar. **Estrutura dos transportes nos países do mercado comum do cone sul**. Disponível em: <http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/estruturados_transportes_nos_paises_do_mercado_comum_do_cone_sul.pdf>

MEDRANO, Ricardo Hernán. Comparação de alguns elementos do traçado urbano nas cidades de São Paulo e Buenos Aires, na virada do século XIX para o XX. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v.6, n.1, p.1-26, 2006.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Etc., Espaço, Tempo e Crítica: Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas**, n. 1, v. 3, jun. 2007.

MORSE, Richard. O Desenvolvimento Urbano da América Espanhola Colonial. In: BETHELL, Leslie. **América Latina Colonial**. HAL. EDUSP, São Paulo, 1999.

PERSICO, María Emilia. Pensar en verde. **Propuesta verde para Buenos Aires**.

Disponível em:

<http://www.ssplan.buenosaires.gov.ar/dmdocuments/catastro_ecologico/articulos/pensar_en_verde.pdf>

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

TUAN, Yi-Fu. A Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.).

Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. Cap. 7, p. 143-164.

URRACO, Edgardo. **¿Villas o villas miserias?** 2010. Disponível em:

<http://www.lacapital.com.ar/ed_impresa/2010/7/edicion_636/contenidos/noticia_5086.html>

VILLAÇA, Flávio. La estructura urbana de Buenos Aires. **R. B Estudos Urbanos e Regionais**. s/ local, v.14, n.1, p.1-19, maio de 2012.